

RESSALVA

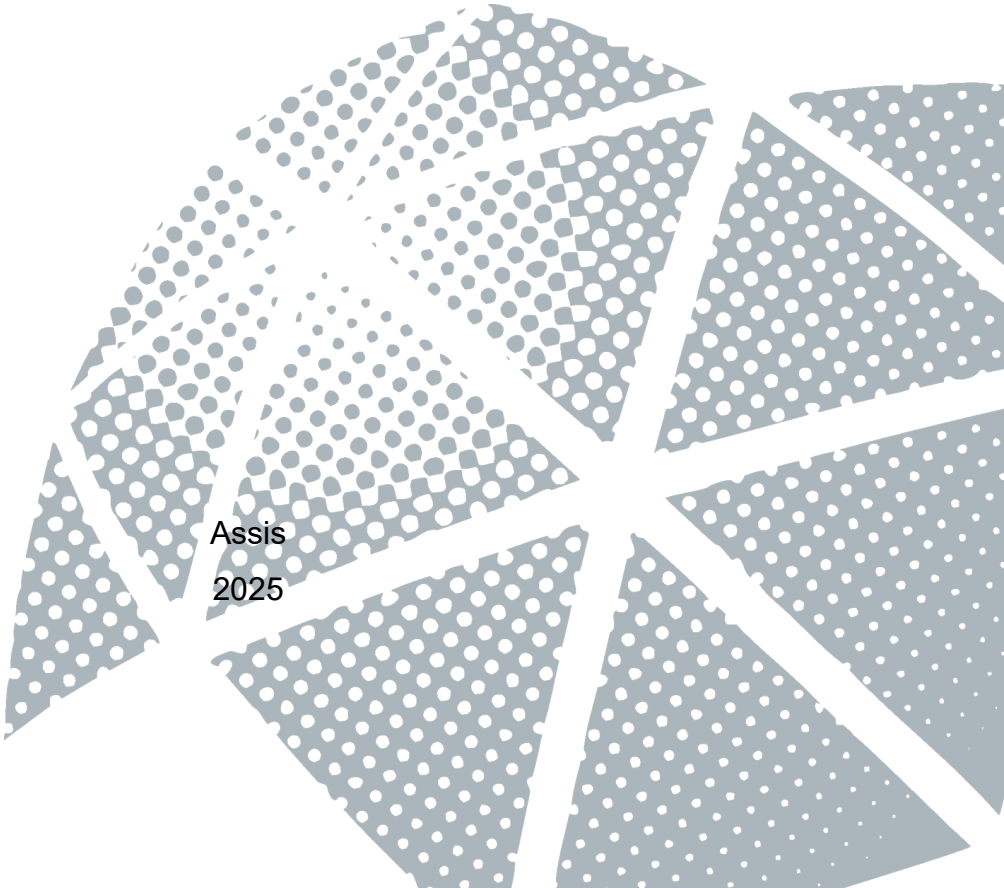
Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 06/06/2026.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis

JAQUELINE PRISCILA GOMES BATISTA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA EM *PONCIÁ VICÊNCIO* (2003), DE CONCEIÇÃO EVARISTO E *MOI, TITUBA SORCIÈRE...NOIRE DE SALEM* (1986), DE MARYSE CONDÉ: ANCESTRALIDADE, ESCRAVIDÃO E RESISTÊNCIA

Assis
2025



JAQUELINE PRISCILA GOMES BATISTA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA EM *PONCIÁ VICÊNCIO*
(2003), DE CONCEIÇÃO EVARISTO E *MOI, TITUBA SORCIÈRE...NOIRE DE*
SALEM(1986), DE MARYSE CONDÉ: ANCESTRALIDADE, ESCRAVIDÃO E
RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Área de Concentração: Literatura e Vida Social.

Orientador(a): Prof. Dr. Daniela Mantarro Callipo

Coorientador(a): Prof. Dr. Débora Balliello Barcala

Assis

2025

B333c	Batista, Jaqueline Priscila Gomes A construção da identidade da mulher negra em Ponciá Vicêncio (2003) de Conceição Evaristo e Moi, Tituba Sorcière...Noire de Salem (1986) de Maryse Condé. Ancestralidade, Escravidão e Resistência / Jaqueline Priscila Gomes Batista. -- , 2025 185 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, Orientadora: Daniela Mantarro Callipo Coorientadora: Débora Ballielo Barcala 1. Literatura Comparada. 2. Feminismo e Literatura. 3. Evaristo, Conceição. 4. Condé, Maryse. 5. Mulheres Negras. I. Título.
-------	---

IMPACTO POTENCIAL

De acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), esta pesquisa se insere no item 5 – Igualdade de Gênero ao tratar de temas acerca do feminismo negro e seus desdobramentos, em especial do item 5.1 – Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte, ao propor um debate sobre as experiências da mulher negra não somente na literatura, mas na sociedade, além de suas formas de resistência à opressão histórica e social. Além disso, a pesquisa dialoga com o ODS 10 – Redução das Desigualdades, ao destacar como os sistemas coloniais e patriarcais historicamente impuseram barreiras estruturais às mulheres negras, perpetuando desigualdades que ainda reverberam na sociedade contemporânea. A valorização da literatura afro-diaspórica e do protagonismo feminino na narrativa literária promove a inclusão e a representatividade dessas vozes, fomentando um olhar interseccional sobre as múltiplas formas de opressão.

POTENTIAL IMPACT

According to the United Nations (UN) Sustainable Development Goals (SDGs), this research aligns with Goal 5 – Gender Equality by addressing topics related to Black feminism and its developments, particularly Goal 5.1 – End all forms of discrimination against all women and girls everywhere, by proposing a discussion on the experiences of Black women not only in literature but also in society, as well as their forms of resistance to historical and social oppression. Additionally, the research engages with SDG 10 – Reduced Inequalities by highlighting how colonial and patriarchal systems have historically imposed structural barriers on Black women, perpetuating inequalities that still resonate in contemporary society. The appreciation of Afro-diasporic literature and female protagonism in literary narratives promotes the inclusion and representation of these voices, fostering an intersectional perspective on the multiple forms of oppression.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA EM PONCIÁ VICÊNCIO (2003) DE CONCEIÇÃO EVARISTO E MOI, TITUBA SORCIÈRE...NOIRE DE SALEM (1986) DE MARYSE CONDÉ: ANCESTRALIDADE, ESCRAVIDÃO E RESISTÊNCIA

AUTORA: JAQUELINE PRISCILA GOMES BATISTA

ORIENTADORA: DANIELA MANTARRO CALLIPO

COORDINADORA: DÉBORA BALLIELO BARCALA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Letras, área: Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. DANIELA MANTARRO CALLIPO (Participação Presencial)
UNESP/FCL - Assis

Profa. Dra. CLEIDE ANTONIA RAPUCCI (Participação Presencial)
UNESP/Câmpus de Assis

Dra. ALEXANDRA SANTOS PINHEIRO (Participação Virtual)
UFGD-MS

Assis, 06 de dezembro de 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus guias, mestres, guardiões e mentores espirituais por toda a força e luz nessa caminhada.

Aos meus pais, Janaína e Joselmo, por todo o amor e apoio neste processo, e cujas histórias de vida foram a mola propulsora desta pesquisa.

À minha tia Cleide, que sempre me lembra da importância de não esquecermos de onde viemos.

À minha querida Kátia, por todo o amor, acolhimento e alimento — minha gratidão!

Gratidão à Karina Alves e sua família, por me mostrarem que, mesmo sendo pobre e da periferia, eu poderia sim estudar. Esse incentivo mudou o rumo da minha vida.

Aos meus irmãos do Instituto Sygma e a todas as entidades de luz do Hospital Casa de Amparo Arcanjo Miguel Divino e na Luz, por todo o acolhimento e por me ajudarem a ancorar a força que existe em mim.

À Jurema Sagrada e à Umbanda, por todos os aprendizados sagrados que muito me ensinam sobre a força da ancestralidade, do amor e da caridade em nossas vidas.

À minha orientadora, Daniela Callipo, cuja presença iluminou os momentos mais desafiadores desta caminhada. Minha mais profunda gratidão por todo o carinho! O que aprendi ao seu lado transcende a palavra.

À minha co-orientadora, Debora Barcala, por todas as trocas que contribuíram com a minha pesquisa e que mudaram meu olhar sobre ela.

Aos meus amigos, amigas e amigues, que me ofereceram ações, palavras de incentivo e apoio e acolhimento. Eu amo vocês.

À Rafaela Malon, Julia Chibani, Barbara Frasson, Gabriel, Tao, Fernanda Ventura, Nina, Jéssica Camila, Jézz, Karoline Coimbra, Heloïse Huynh e Renê pelo carinho, por lerem e/ou escutarem os devaneios acerca da pesquisa. As conversas despertaram insights significativos que enriqueceram meu trabalho. Agradeço cada mensagem de carinho e atenção. O apoio de cada um de vocês foi crucial para que eu pudesse seguir firme até o fim.

Aos meus colegas das disciplinas de Narrativa de Autoria Femina (2023 e 2024), e às professoras Katia Rodrigues e Cleide Rapucci, por todos os conhecimentos compartilhados e por me ensinarem tantas coisas sobre o território selvagem que habitamos. Gratidão!

Aos alunes, alunas e alunos queridos que torceram por mim. Merci beaucoup!

Agradeço à Lei de Cotas, uma política pública que possibilita a ocupação de espaços antes tão restritos para pessoas de origem pobre e periférica como eu.

Agradeço ao meu irmão Jakson Ítalo, Lark, flor do jardim da minha vida. Ito, obrigada por tudo. Te amo muito.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Processo: 403888/2022-0, pela concessão de bolsa de pesquisa.

Laroyê Exu!

Tenho dito e gosto de afirmar que a minha história é uma história perigosa, como é a história de quem sai das classes populares, de uma subalternidade, e consegue galgar outros espaços.

Conceição Evaristo

RESUMO

Esta pesquisa analisa a construção da identidade da mulher negra nas obras *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, e *Moi, Tituba sorcière... noire de Salem* (1986), de Maryse Condé, explorando como esses romances ampliam a visibilidade de autoras e personagens negras ao traçar trajetórias sócio-históricas de protagonistas que representam e questionam a condição da mulher negra em sociedades moldadas pelo colonialismo e pela dominação masculina branca. A dissertação focaliza três eixos fundamentais — ancestralidade, escravidão e resistência —, analisando e comparando como as personagens femininas expressam, individual e coletivamente, a complexidade da identidade negra feminina nesses contextos. O confronto entre os dois romances foi realizado, sobretudo, com base nos estudos de hooks (2019, 2021, 2023), Federici (2017, 2019), Lorde (2019), Lugones (2020), Laretis (1994), Carneiro (2019), Davis (2016), Gonzalez (2020), Oyěwùmí (2021), além dos estudos acerca da literatura comparada, permitindo uma leitura aprofundada que abrange feminismo negro, interseccionalidade e representação da mulher negra na literatura. Tal análise destaca a pluralidade da experiência feminina negra, marcada pela ancestralidade como fonte de força, pela memória da escravidão e pela resistência às imposições de gênero. Ao ressignificar o papel da mulher negra em contextos de opressão, as obras reforçam a literatura como espaço de denúncia e reconstrução da memória coletiva negra, onde essas vozes encontram protagonismo.

Palavras-chave: Literatura de mulheres negras; Literatura Comparada; Conceição Evaristo; Maryse Condé; Feminismo interseccional.

ABSTRACT

This research analyzes the construction of Black women's identity in the novels *Ponciá Vicêncio* (2003) by Conceição Evaristo and *Moi, Tituba, sorcière... noire de Salem* (1986) by Maryse Condé, exploring how these works enhance the visibility of Black female authors and characters by tracing the socio-historical trajectories of protagonists who both represent and challenge the condition of Black women in societies shaped by colonialism and white male domination. The dissertation focuses on three fundamental axes—ancestry, slavery, and resistance—examining and comparing how the female characters individually and collectively express the complexity of Black female identity in these contexts. The comparison between the two novels is primarily based on the studies of hooks (2019, 2021, 2023), Federici (2017, 2019), Lorde (2019), Lugones (2020), Lauretis (1994), Carneiro (2019), Davis (2016), Gonzalez (2020), Oyěwùmí (2021), as well as research on comparative literature, enabling an in-depth analysis that encompasses Black feminism, intersectionality, and the representation of Black women in literature. This analysis highlights the plurality of Black women's experiences, marked by ancestry as a source of strength, the memory of slavery, and resistance to gender impositions. By re-signifying the role of Black women in oppressive contexts, these works reinforce literature as a space for denouncing injustice and reconstructing Black collective memory, where these voices take center stage.

Keywords: Black women's literature; Comparative Literature; Conceição Evaristo; Maryse Condé; Intersectional feminism.

RESUMÉ

Cette recherche analyse la construction de l'identité de la femme noire dans les œuvres *Ponciá Vicêncio* (2003) de Conceição Evaristo et *Moi, Tituba sorcière... noire de Salem* (1986) de Maryse Condé, en explorant comment ces romans amplifient la visibilité des auteures et des personnages noirs en retraçant des trajectoires socio-historiques des protagonistes qui représentent et questionnent la condition de la femme noire dans les sociétés façonnées par le colonialisme et la domination masculine blanche. La dissertation se concentre sur trois axes fondamentaux — l'ancestralité, l'esclavage et la résistance —, en analysant et en comparant comment les personnages féminins expriment, individuellement et collectivement, la complexité de l'identité féminine noire dans ces contextes. La comparaison des deux romans repose principalement sur les études de hooks (2019, 2021, 2023), Federici (2017, 2019), Lorde (2019), Lugones (2020), LaRetis (1994), Carneiro (2019), Davis (2016), Gonzalez (2020), ainsi que sur des travaux en littérature comparée, permettant une lecture approfondie qui comprend le féminisme noir, l'intersectionnalité et la représentation de la femme noire dans la littérature. Cette analyse met en lumière la pluralité de l'expérience féminine noire, marquée par l'ancestralité comme source de force, par la mémoire de l'esclavage et par la résistance aux impositions de genre. En redéfinissant le rôle de la femmenoire dans des contextes d'oppression, les œuvres renforcent la littérature comme espace de dénonciation et de reconstruction de la mémoire collective noire, où ces voix trouvent leur protagonisme.

Mots-clés : Littérature des femmes noires; Littérature comparée; Conceição Evaristo; Maryse Condé; Féminisme intersectionnelle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Conceição Evaristo	22
Figura 2 - Maryse Condé.....	26
Figura 3 - Ilustração de Oxumarê.....	48
Figura 4 - Testemunho de Tituba no julgamento das bruxas de Salem, em 1692	57
Figura 5 - Ilustração de Nanã Buruquê e seu Ebiri.....	73
Figura 6 - Ilustração do símbolo Ouroboros	135
Figura 7 - Ilustração de Oxum.....	147
Figura 8 - Ilustração da sala do tribunal em Salem	159
Figura 9 - Ilustração de Tituba	161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – ANCESTRALIDADE	19
1.1- Literatura de Conceição Evaristo e Maryse Condé como mecanismo de resgate ancestral.....	19
1.2- Linhas Entrelaçadas: Os romances da memória e resistência	44
1.3- Raízes e reverberações: A ancestralidade em Nêgua Kainda e Man Yaya	60
CAPÍTULO 2 – ESCRAVIDÃO	79
2.1- Os reflexos da colonização na construção da identidade da mulher negra	79
2.2- A escravidão em Maria Vicencio e Abena	104
CAPÍTULO 3: RESISTÊNCIA	132
3.1- Ecos de Resistência: As Vozes de Tituba e Ponciá.....	132
3.2- Entre o Barro e a Serpente: A resistência cíclica de Ponciá.....	133
3.3- Tituba e a resistência dos invisíveis	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS	182

INTRODUÇÃO

Ouso falar com oprimido e opressor com a mesma voz? Ouso falar com você em uma língua que nos levará além das fronteiras da dominação, uma língua que não irá te cercar, prender, segurar? A Língua é também um lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para ler a si mesmo – para reunir, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas estão em ação – em resistência. A linguagem é também um lugar de luta (hooks, 2017).

É impossível pensar sobre a narrativa da mulher ao longo da história e não considerar sua multiplicidade. Ser mulher não se restringe a uma única voz ou vivência, mas é um entrelaçamento complexo de lutas, resistências e desafios, com momentos de adversidades e negligências. Este histórico mostra uma trajetória em que a busca por direitos e reconhecimento tem sido uma constante, marcada por batalhas contra a marginalização e pela afirmação do espaço feminino em contextos predominantemente dominados por estruturas patriarcais. A complexidade dessas vivências se intensifica quando consideramos o cruzamento de aspectos tais como raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero, criando camadas adicionais de experiências que desafiam a noção de uma identidade feminina uniforme.

Um olhar abrangente, que leva em consideração tais intersecções sobre as vivências das mulheres, questiona papéis de gênero e preconceitos, além de facilitar uma compreensão mais ampla sobre a variedade de funções que as mulheres desempenham no social. Nesse processo, sublinha-se a necessidade de tratar as questões de gênero de forma ampla, levando em conta as várias dimensões que influenciam a existência da mulher negra. Explorar profundamente essa questão é essencial para revelar os mecanismos de poder que mantêm as desigualdades e para somar na construção de um ambiente social no qual as contribuições de mulheres sejam não somente reconhecidas, mas também apreciadas em seu amplo espectro. Neste contexto, a relevância da interseccionalidade se torna ainda mais evidente.

Essa compreensão crítica das experiências das mulheres pode ser aplicada também no âmbito literário, no qual a marginalização de obras escritas por elas, em contraste com a valorização de um cânone dominado por homens (em sua maioria brancos), evidencia a persistente falta de reconhecimento de contribuições femininas significativas. Historicamente, a literatura tem sido um espaço onde o gênero, raça e classe influenciam profundamente quem é lembrado e quem é colocado à margem, caindo no esquecimento. Mesmo dentro da literatura escrita por mulheres vemos

uma diferenciação entre obras escritas por mulheres brancas e por mulheres negras. As obras de mulheres, particularmente as de mulheres negras, embora ricas em perspectivas plurais e em qualidade literária, muitas vezes são negligenciadas ou minimizadas em comparação com seus pares masculinos e não apenas, mas também com mulheres brancas:

Um exemplo disso é a ausência marcante da experiência de mulheres de cor como material em estudo sobre mulheres. A literatura de mulheres de cor raramente é incluída em cursos de literatura de mulheres e quase nunca em outros cursos de literatura, nem estudos sobre as mulheres em geral [...] Para examinar a literatura de mulheres negras, é realmente necessário que sejamos vistas como pessoas completas em nossa verdadeira complexidade — como indivíduos, como mulheres, como seres humanos — e não como um desses estereótipos problemáticos, mas familiares existentes nessa sociedade no lugar de imagens genuínas de mulheres negras. (Lorde, 2019, p.242 - 243).

Susana Bornéo Funck (2016) faz uma reflexão sobre o impacto do feminismo nas práticas acadêmicas, no ensino da literatura e na desconstrução de paradigmas tradicionais, como o patriarcado, o racismo e o colonialismo. A autora traça um paralelo entre o desenvolvimento das ideias feministas e a transformação da crítica literária ao longo das décadas, destacando o papel fundamental da categoria de gênero na interpretação e na desconstrução dos textos literários. Funck argumenta que, apesar da presença de debates e seminários questionadores, o currículo tradicional ainda se sustenta em uma estrutura elitista que privilegia conceitos de "critério estético" e "rigor teórico", muitas vezes para mascarar preconceitos arraigados. Essa problemática é exposta pela autora como um resquício de um ensino que não conseguiu se atualizar conforme as demandas contemporâneas por uma representação mais equitativa e diversa:

Na área da literatura, ainda ensinamos 'os grandes mestres' a partir de uma visão patriarcal, racista e colonialista. Existem, a bem da verdade, palestras, cursos, seminários como este, nos quais se marca a diferença e se questiona o universal. Mas o ensino da literatura enquanto currículo, plano de curso e metodologia continua a se basear num pensamento elitista que mascara preconceitos sob conceitos de 'critério estético' e 'rigor teórico' (Funck, 2016, p. 195).

Vale a pena destacar que, graças à promulgação da Lei nº 10.639 de 2003, que torna obrigatório no currículo oficial da Rede de Ensino a abordagem da temática

'História e Cultura Afro-Brasileira', o ensino de literatura afro-brasileira e, conseqüentemente, a inclusão de discussões sobre a experiência de mulheres negras ganharam um suporte legal importante. Essa legislação impulsionou mudanças significativas, como a maior presença desses temas em materiais didáticos e na prática pedagógica, representando um avanço crucial para a valorização da cultura e da história afro-brasileira na educação formal.

No entanto, como aponta Funck (2016), o ensino de literatura nos cursos superiores ainda se sustenta fortemente em um modelo tradicional. Apesar dos avanços proporcionados pela Lei nº 10.639, a implementação efetiva de um ensino antirracista que contemple plenamente a literatura afro-brasileira ainda está em processo de desenvolvimento.

Um exemplo disso pode ser observado na pesquisa de Jéssica Parizotto Gustman (2022), que analisou o curso de Letras da UTFPR. O estudo revelou que, embora a temática afro-brasileira tenha ganhado espaço nos currículos graças à legislação, sua presença efetiva ainda é dependente da iniciativa individual de professores, não estando completamente institucionalizada nas práticas curriculares.

Assim, é possível afirmar que estamos diante de um cenário em transição: os avanços impulsionados pela Lei nº 10.639 são notáveis e devem ser reconhecidos, mas o caminho para a plena implementação de um ensino que valorize a literatura afro-brasileira e promova discussões mais inclusivas, como as experiências das mulheres negras, ainda enfrenta desafios. Esse processo exige uma articulação mais consistente entre as políticas públicas, a formação docente e o compromisso das instituições educacionais.

Percebemos então o desafio em redefinir o cânone literário para incluir vozes que foram historicamente marginalizadas. Funck (2016) propõe que o desmantelamento dessas barreiras conceituais é crucial para um ensino literário mais inclusivo e representativo. Além disso, a autora aborda a evolução do feminismo e como as expectativas sobre o que ele pode alcançar mudaram. O feminismo contemporâneo não busca uma utopia de igualdade absoluta, mas sim reconhece a diversidade e as diferenças intrínsecas entre mulheres de diversas intersecções de raça e classe:

O feminismo pós-moderno não apresenta projetos utópicos, nem acredita que pode mudar o mundo da forma preconizada pelas feministas de meados do século XX, ou seja, por meio de uma

revolução radical que eliminaria as diferenças entre homens e mulheres. Mas o feminismo contemporâneo, ao reconhecer as diferenças entre as próprias mulheres, pode - e deve - problematizar questões de gênero na encruzilhada com outras diferenças fundamentais, de raça, classe e nacionalidade (Funck, 2016, p. 196).

Este ponto ressalta a necessidade de um feminismo que seja adaptável e consciente das várias camadas de identidade que influenciam a experiência de cada mulher. Através dessa conscientização, Funck sugere que o feminismo pode ser uma ferramenta mais eficaz para abordar não apenas questões de gênero, mas também de raça e classe. A autora também defende uma abordagem interdisciplinar no ensino da literatura, que ultrapasse os limites convencionais e incorpore *insights* de disciplinas como história e filosofia, por exemplo. Este método proposto visa a uma compreensão mais interdisciplinar e integrada dos textos literários, ligando-os diretamente às suas implicações socioculturais e políticas:

Mas o feminismo contemporâneo, ao reconhecer as diferenças entre as próprias mulheres, pode – e deve – problematizar questões de gênero na encruzilhada com outras diferenças fundamentais, de raça, classe e nacionalidade. [...] O ensino da literatura pode – e deve –, ao contemplar o gênero como locus de produção de sentido, cruzar fronteiras entre terceiro e primeiro mundo, entre classes dominantes e dominadas, entre as mais diferentes comunidades raciais e culturais. Pode – e deve –, ainda, sair dos limites disciplinares e ir ao encontro da história, da antropologia, da linguística, da filosofia. O que certamente, muitas de nós aqui fazemos (Funck, 2016, p.196).

A inclusão e o destaque de obras por mulheres negras, portanto, não são apenas uma questão de equidade ou reconhecimento; são imperativos para um ensino literário que aspira ser verdadeiramente representativo e reflexivo das realidades diversas que compõem o tecido social. Ao proporcionar espaço e representatividade às experiências dessas mulheres, enriquecemos a academia e a sociedade, promovendo um entendimento mais profundo das dinâmicas de poder, resistência e expressão cultural.

Direcionar nossa atenção às obras escritas por mulheres negras significa escutá-las e, mais do que isso, voltar a atenção para a expressão de diversas verdades que, durante muito tempo, foram relegadas às margens dos principais focos de interesse, não só no meio acadêmico, mas também no contexto social. Nesse último, a inclusão dessas obras promove a centralização de discussões sobre temas como a violência enfrentada por mulheres negras em várias esferas da vida, incluindo abusos físicos e verbais que, muitas vezes, são invisibilizados, para permanecerem

despercebidos.

Ao explorar a literatura que narra experiências de mulheres negras, quem lê é imerso em um universo marcado por intersecções de gênero, raça e classe. Esta imersão não só o coloca frente a narrativas emocionalmente intensas, mas também abre caminho para o reconhecimento da rica diversidade cultural que fundamenta e compõe a identidade feminina negra. A exposição a temas como a conexão profunda com a natureza através do manuseio de ervas e da produção de objetos a partir do barro, por exemplo, a transmissão de saberes ancestrais e as formas de expressão artística — música, danças e os tradicionais "causos" passados oralmente por gerações — revelam os múltiplos aspectos e nuances que constituem a identidade das mulheres negras, enriquecendo a compreensão do seu cotidiano e das lutas enfrentadas por elas.

Nesse contexto, “a cultura negra também é, epistemologicamente, o lugar das encruzilhadas” (Martins, 2003), onde múltiplas formas de saberes, vivências e expressões culturais se cruzam e se entrelaçam. Esse encontro de influências diversas — que inclui o passado ancestral, as práticas de resistência e os modos de vida herdados — reflete a complexidade da identidade feminina negra, constituída por uma multiplicidade de vozes e caminhos. Assim, ao se deparar com essas narrativas, quem lê é convidado a transitar por essas encruzilhadas, entendendo-as como espaços de criação, resistência e transformação que dialogam com as lutas e histórias dessas mulheres.

Conceição Evaristo e Maryse Condé emergem como exemplos significativos nesse cenário, com romances, contos, ensaios e poemas que não apenas refletem, mas ampliam a representatividade de uma parte da população historicamente marginalizada no âmbito literário. Suas obras ecoam as vozes de uma pluralidade de experiências que atravessam todas as fases da vida — desde donas de casa a crianças cheias de sonhos, jovens vivenciando seus medos e alegrias, até idosas portadoras de sabedoria adquirida pela vivência e conexão com a ancestralidade. Essas autoras capturam, dentre outros elementos, a beleza da vida em sua simplicidade, muitas vezes desprovida de luxos materiais, refletindo a realidade de uma população negra ainda hoje majoritariamente afetada pela desigualdade social e econômica. Sobre as relações entre a literatura e as normas sociais, Regina Zilberman comenta:

Estas normas podem se encontrar no contexto não como uma informação a ser decodificada, e sim como um padrão de interação, isto é, na situação de regras que envolvem o leitor e dizem o que lhe

competer fazer. Nessa circunstância, a obra literária, mesmo não programaticamente, oferece indicações de ação que correspondem ou não a comportamentos já existentes. No primeiro caso, elas reforçam e legitimam modelos em vigor ou possibilitam a aceitação de normas recentemente aparecidas, atuando sobre o indivíduo mais por influenciá-lo indiretamente que por transmitir uma mensagem. (Zilberman, 1989, p.51- 52).

Visando contribuir com as reflexões acerca do tema, este estudo busca explorar e analisar a construção da identidade feminina nos romances *Ponciá Vicêncio* (2017), de Conceição Evaristo, e *Moi, Tituba sorcière de Salém...* (1986), de Maryse Condé. Para tal, consideramos principalmente estudos de mulheres que contribuem com o pensamento e debate sobre teoria literária e crítica feminista.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos como subsídio teórico a crítica temática, que propõe que o estilo não é apenas uma questão técnica, mas sim uma questão de visão. Daniel Bergez já explicitou que o tema fornece um elemento comum de significação ou de inspiração, permitindo a comparação, a partir de um mesmo “índice”, de obras de autores diferentes (1997, p.99).

Analizamos, portanto, como a identidade da mulher negra se constrói em ambas as obras, tanto nas personagens quanto em sua representação no feminismo negro e interseccional, bem como a forma como são apresentadas nas duas sociedades, evidenciando suas semelhanças e diferenças. A pesquisa foca, sobretudo, nas personagens mulheres negras em diferentes etapas da vida: Man Yaya e Nêgua Kainda como velhas anciãs – levando-se em consideração as interseções entre gênero e velhice – detentoras de saberes ancestrais; Abena e Maria Vicêncio, mulheres adultas e mães no contexto da escravidão; e Tituba e Ponciá como jovens mulheres resistentes.

Esta pesquisa se destaca por sua originalidade ao propor uma análise comparativa inédita entre as obras *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo e *Moi, Tituba Sorcière... noire de Salem* de Maryse Condé. Até o presente momento, não há registro de outros trabalhos acadêmicos que estabeleçam esse confronto literário, o que evidencia a pertinência de nosso estudo. A originalidade desta comparação reside não apenas na exploração das singularidades das narrativas, mas também na maneira como essas autoras, oriundas de contextos geográficos distintos, dialogam profundamente sobre temas que transcendem a literatura, abordando questões sociais e históricas como ancestralidade, escravidão e resistência feminina negra. Assim, este trabalho visa contribuir para um campo de estudo ainda em desenvolvimento, ao trazer uma nova perspectiva sobre a construção da identidade feminina negra em suas múltiplas

dimensões, fortalecendo o diálogo entre a produção literária e os contextos sociais que ela reflete.

A dissertação está estruturada em três capítulos principais, além da introdução e das considerações finais, organizada de forma a abordar os temas de ancestralidade, escravidão e resistência na construção da identidade feminina negra nas obras *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo e *Moi, Tituba Sorcière... Noire de Salem* de Maryse Condé.

No Capítulo 1, tratamos da ancestralidade como um elemento central na formação das personagens femininas dessas autoras. Iniciamos com uma apresentação das escritoras, destacando como suas obras são específicas como mecanismos de resgate ancestral, sendo relevantes tanto para o movimento literário quanto para o feminismo negro. Iniciamos, assim, a análise dos romances *Ponciá Vicêncio* e *Moi, Tituba Sorcière... noire de Salem*, contextualizando-os no âmbito histórico e literário. Analisamos as principais questões dessas obras e como elas são relevantes para a literatura afro-diaspórica e para a valorização da mulher negra na narrativa literária. Além disso, apresentamos a personagem Hester, em *Moi, Tituba Sorcière*, para destacar a importância de uma abordagem interseccional, que considera as especificidades de raça e gênero, apontando como o feminismo negro e interseccional oferece uma reflexão sobre as diferentes formas de opressão. E por fim, discutimos como a ancestralidade e espiritualidade estão incorporadas pelas personagens Nêngua Kainda, em *Ponciá Vicêncio*, e Man Yaya, em *Moi, Tituba*, destacando o papel dos elementos culturais, ancestrais e históricos na construção de suas identidades.

O Capítulo 2 aborda a escravidão e seus reflexos na construção da identidade da mulher negra. Nesse ponto, analisamos como a experiência escravocrata impacta profundamente a vida e as escolhas das personagens. No caso de *Ponciá Vicêncio*, a escravidão é um eco do passado, refletido nas gerações subsequentes e no peso que essas memórias impõem sobre os descendentes de escravizados. Já em *Moi, Tituba Sorcière... noire de Salem*, a escravidão é uma realidade imediata, vivida diretamente pela protagonista, desde o seu nascimento até sua morte. Também exploramos o papel de personagens como Maria Vicêncio e Abena, mães que têm suas identidades marcadas pelas vivências da escravidão, bem como a personagem secundária Biliza, que ilustra a mercantilização do corpo negro no pós-escravidão.

No Capítulo 3 analisamos como Evaristo e Condé utilizam suas obras como forma de resistência às narrativas dominantes, afirmando as vozes e a identidade das mulheres negras. No romance de Evaristo vemos o tempo cíclico na vida de Ponciá e na construção da própria narrativa, já no romance de Condé elucidamos como a

personagem Tituba encontra no contato com os invisíveis uma forma de resistência e força. Esse capítulo também mostra como as personagens Ponciá e Tituba enfrentam a opressão e os desafios impostos por suas realidades sociais.

Nas Considerações Finais, sintetizamos como os romances de Evaristo e Condé revelam as camadas de resistência das personagens femininas negras, que, apesar de partilharem desafios sociais, expressam subjetividades distintas. A construção dessas personagens contribui para a visibilidade literária e estética, ao mesmo tempo em que desafia o cânone eurocêntrico, promovendo o debate social e histórico sobre o lugar e a identidade da mulher negra. Ao incorporar valores culturais e históricos afro-diaspóricos, essas obras reafirmam a literatura como um espaço de acolhimento e reconhecimento para vozes negras marginalizadas.

Portanto, por meio da análise dos romances, este estudo reforça a importância de resgatar narrativas que valorizem epistemologias alternativas, distantes daquelas que refletem exclusivamente uma cultura colonialista, desafiando, assim, estruturas coloniais ainda presentes na sociedade contemporânea. Mais do que interpretar essas obras, este trabalho reafirma a literatura como um espaço de denúncia, resistência e reconstrução de identidades, onde as vozes das mulheres negras encontram lugar, força e protagonismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os romances analisados revelam múltiplas camadas das personagens. Embora ambas sejam mulheres negras, elas possuem particularidades e subjetividades que demonstram como uma mulher negra transcende estereótipos, ao mesmo tempo que permanece parte de um coletivo que compartilha das mesmas questões e desafios sociais. Cada uma das personagens encontra uma forma distinta de lidar com as opressões, ilustrando como a resistência feminina negra é multifacetada e não pode ser limitada a uma única narrativa. Essa resistência, longe de ser um fenômeno homogêneo, emerge de suas raízes culturais e reflete um movimento contracolonial que exalta culturas e valores além dos impostos por uma sociedade colonialista e capitalista. Ao incorporarem esses valores em suas obras, Evaristo e Condé não apenas ampliam o alcance da literatura negra, mas também desafiam um cânone literário majoritariamente branco e eurocêntrico, abrindo espaço para que vozes negras ocupem e reivindiquem poder e presença.

É imperativo olhar além da superfície das semelhanças e diferenças que delineiam as representações das personagens femininas negras em *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo e *Moi, Tituba Sorcière...noire de Salem* de Maryse Condé. Este estudo foi além de uma mera comparação literária para interrogar e desvendar os modos pelos quais estas obras desafiam, subvertem e redefinem a narrativa dominante sobre a identidade feminina negra dentro de uma sociedade que continua a ser moldada por forças colonialistas e patriarcais.

O debate crítico mais significativo gerado por esta análise reside na maneira pela qual Evaristo e Condé utilizam suas narrativas para construir uma crítica ao status quo literário e cultural. Longe de serem apenas reconstruções de identidades femininas negras, as obras dessas autoras funcionam como plataformas de resistência que questionam e revisitam as noções prevalecentes de poder e opressão. Por meio de suas personagens complexas e multifacetadas, Evaristo e Condé destacam a resistência como uma característica fundamental à condição da mulher negra, bem como ilustram como essa resistência é variada e enraizada em uma consciência profunda de identidade cultural e histórica.

Além disso, a escrita dessas autoras revela as tensões entre a afirmação da identidade e a necessidade de adaptação dentro dos espaços que são simultaneamente inclusivos e restritivos. Esta dissertação desvendou como a

interação entre a ancestralidade e a memória serve como um contraponto crucial contra a marginalização, propondo que o engajamento com a tradição e a mitologia afro-diaspórica é uma forma de 're-existência' contra as narrativas opressoras. Ao fazê-lo, as obras estudadas reiteram a literatura como um campo de batalha para a afirmação cultural, onde as histórias de mulheres negras são contadas e recontadas com agência e autenticidade.

Um aspecto central que permeia esta análise é a aplicação do feminismo negro e da interseccionalidade como fundamentos teóricos essenciais para compreender as camadas de opressão e resistência presentes nas obras de Evaristo e Condé. Ao abordar raça, gênero e classe de maneira entrelaçada, o feminismo negro permite uma análise mais rica e profunda das experiências das personagens, ressaltando que a identidade feminina negra é atravessada por múltiplas formas de opressão, que coexistem e se reforçam mutuamente. A interseccionalidade, portanto, não apenas enriquece o entendimento dessas narrativas, mas também ilumina as maneiras específicas pelas quais as personagens enfrentam suas lutas, oferecendo uma lente poderosa para desafiar as estruturas de poder que continuam a marginalizar mulheres negras.

Além disso, as obras de Evaristo e Condé ressaltam a importância de uma literatura inclusiva, capaz de alcançar leitores que frequentemente se sentem alienados por um cânone literário que não reflete suas vivências. Ao abordar temas que ressoam profundamente com indivíduos historicamente marginalizados, essas autoras criam narrativas que desafiam o cânone tradicional e oferecem representatividade autêntica para essas comunidades.

Outro ponto essencial das obras analisadas é a exploração da escravidão como um marco histórico e simbólico na formação da identidade negra feminina. As memórias de um sistema colonialista e escravocrata permeiam as vidas de Tituba e Ponciá, determinando as opressões que enfrentam, mas também revelando as estratégias de resiliência que constroem. A resistência dessas personagens não se restringe ao enfrentamento direto; ela se manifesta de forma multifacetada, tanto no questionamento de papéis sociais quanto na reconexão com suas raízes culturais. Ao ilustrar como a memória da escravidão informa a luta presente e projeta possibilidades de futuro, Evaristo e Condé ampliam o escopo de resistência feminina negra, sugerindo que esta é um legado contínuo,

enraizado não apenas em sobrevivência, mas em uma afirmação inquebrantável de identidade e humanidade.

Ao oferecerem representações autênticas e narrativas que refletem experiências reais de opressão, luta e resistência, essas autoras não apenas enriquecem o espectro literário, mas também expandem o acesso à literatura, permitindo que pessoas que antes não se viam representadas em obras literárias encontrem voz e espaço nesses textos. Ao darem visibilidade a experiências negrasfemininas, Evaristo e Condé oferecem uma representação autêntica que valida as histórias de comunidades frequentemente invisibilizadas, democratizando a literatura ao incluir perspectivas diversas e ampliando o público leitor. Dessa forma, suas narrativas transformam a literatura em um espaço de acolhimento e reconhecimento, onde essas vozes encontram finalmente um lugar para contar suas histórias de opressão, luta e resistência.

Este trabalho não apenas iluminou as contribuições de Conceição Evaristo e Maryse Condé para a literatura, mas também provocou um reexame necessário de como as literaturas de mulheres negras são contextualizadas, cheias de valores estéticos e culturais. As implicações deste estudo apontam para a necessidade urgente de redefinir os paradigmas críticos e teóricos que regem a interpretação literária e cultural, encorajando uma maior reflexão sobre como essas obras desafiam, reinventam e enriquecem as narrativas globais sobre raça, classe e gênero. Assim, este estudo serve como um chamado para ação – para que acadêmicos, críticos e leitores não apenas reconheçam, mas ativamente promovam e integrem a diversidade profunda e a complexidade encontrada na literatura produzida por mulheres negras, assegurando que suas vozes sejam ouvidas e valorizadas em toda a sua vitalidade e urgência.

REFERÊNCIAS

- ALÓS, A. P. A literatura comparada neste início de milênio: tendências e perspectivas. *Ângulo 130 – Literatura Comparada*. v.1, jul/set., p. 7-12, 2012.
- BERGES, D. A crítica temática. In: BERGES, D. et. al. (Org.). *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRAIT, B. A Personagem. São Paulo: Ática, 1985.
- CANDIDO, Antonio. Literatura Comparada. In: Recortes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CANDIDO, A. A personagem de ficção. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: *Pensamento feminista hoje: conceitos fundamentais*. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- CARVALHAL, T. F. Literatura Comparada. São Paulo: Ática. 2006. 4. ed. 94 p.
- CARVALHAL, T. F. O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CARVALHAL, T. F.; COUTINHO, E. F. Literatura comparada. Textos fundadores. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CONDÉ, M. La vie sans fards. Paris: Éditions Jean-Claude Lattès, 2012.
- CONDÉ, M. Moi, Tituba, sorcière... Paris: Gallimard, 1986.
- CONDÉ, M. Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem. Tradução de Angela Melim. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- CONDÉ, M. La vie sans fards. Paris: Éditions Jean-Claude Lattès, 2012.
- DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DIONÍSIO, D. Ancestralidade bantu na literatura afro-brasileira: reflexões sobre o romance “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- EVARISTO, C. Ponciá Vicêncio. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, C. Poemas da recordação e outros movimentos. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FEDERICI, S. Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais. CANDIANI, Heci Regina (trad.). 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, S. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Ed. Elefante, 2017.

FIGUEIREDO, E. Interseccionalidades: feminismo decolonial e feminismo negro. In: FIGUEIREDO, E. *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 33-48.

FIGUEIREDO, E. Maryse Condé e a diáspora negra. In: _____. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói: EDUFF, 1998. p. 119-132.

FUNCK, S. B. Gênero e o ensino da literatura. In: _____. *Crítica literária feminista: uma trajetória*. Florianópolis, Insular, 2016. p. 193-198.

FORSTER, E. M. Aspectos do Romance. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1974.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: *Pensamento feminista hoje: conceitos fundamentais*. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GONZALEZ, L. E a Trabalhadora Negra, Cumé que Fica? In: GONZALEZ, Lélia; RIOS, Flávia (org.); LIMA, Márcia (org.). *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 217-219.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia; RIOS, Flávia (org.); LIMA, Márcia (org.). *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 75-93.

HOOKS, B. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. In: _____. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 27-46.

HOOKS, B. E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo. Tradução Bhuvi Libânio. 14ª ed Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

HOOKS, B. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. Tradução de Susana Bornéo Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LORDE, A. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: *Pensamento feminista hoje: conceitos fundamentais*. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.239-249.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. HOLLANDA, H. B. (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
KAISER, G. R. *Introdução à literatura comparada*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

MARTINS, L. M. Afrografias da memória: o reinado do rosário do Jatobá. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARTINS, L. M. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, 2003. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em 08/09/2024.

MELO, M. C. V. A figura do griot e a relação memória e narrativa. In: *Griots: culturas africanas: linguagem, memória, imaginário*. Organizadores: Tânia Lima, Izabel Nascimento, Andrey Oliveira. 1ª ed., Natal: Lucgraf, 2009. p. 149.

MALANDRINO, B.C. (2013). Os mortos estão vivos: a influência dos defuntos na vida familiar segundo a tradição bantú. *Último Andar*, (19), 40–51. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13305>.

MIRANDA, R. A. Proto-feministas na Inglaterra setecentista: Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson. Sociabilidade, subjetividade e escrita de mulheres. 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/49460/R%20-%20T%20-%20ANADIR%20DOS%20REIS%20MIRANDA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

NITRINI, S. Literatura comparada: história, teoria e crítica. 2.ed. São Paulo: EdUSP, 2000.

NITRINI, S. Um olhar sobre a literatura comparada no Brasil. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros: Abralic, 2018.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. A Separação de mundos: pensamentos, palavras e obras. In: _____. *Elogio da diferença: o feminismo emergente*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 46-54.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PATEMAN, C. As mulheres, os escravos e os escravos assalariados. In: *O Contrato Sexual*. Trad. Marta Avancini. Rio: Paz e Terra, 1993. p. 175-230.

PEREIRA, E. A. Entre Orfe(x)u e Exunouveau: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira. São Paulo: Fósforo, 2022.

REIS, C. Pessoas de livro: estudos sobre a personagem. 3. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

ROSENFELD, A. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A personagem de ficção*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

RUSSEL, J. B.; ALEXANDER, Brooks. História da bruxaria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SAMOYAULT, T. A Intertextualidade. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SOUZA, L. G. Yabás: heranças míticas em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. 2022. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2022.

SILVEIRA, T. Literatura Comparada. Rio de Janeiro: edições GRD, 1964.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WALKER, A. Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista. Tradução Stephanie Borges. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

VERGER, P. F. Orixás. Salvador: Corrupio, 2002.

XAVIER, E. Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino. 2. ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

ZILBERMAN, R. Estética da recepção e história da literatura. São paulo: Ática, 1989.